

A RESILIÊNCIA DAS ASSOCIAÇÕES PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA

A ciência atravessa uma crise profunda. Sua institucionalidade e sua capacidade de influenciar a transformação social encontram-se presas a tensões persistentes: superprodução de documentos sem impacto real nos sistemas produtivos e sociais; falência ética decorrente de um modelo de incentivos baseado na quantidade de publicações, “editoriais” que privilegiam a renda em detrimento da qualidade; perda de credibilidade e legitimidade pública; crescente precarização do trabalho científico; cortes orçamentários e censuras motivadas por ideologias políticas. Essa crise não é apenas administrativa e de governança, mas também estrutural, ameaçando a institucionalidade da ciência como bem público.

A defesa institucional da ciência não é recente nem improvável. As primeiras associações científicas, como a Sociedade Helvética de 1762 e a Sociedade de Cientistas Naturais e Médicos (GDNÄ), fundada em 1822 em Leipzig, seguidas pela Associação Britânica para o Progresso da Ciência (BSA) em 1831 e pela Associação Americana para o Progresso da Ciência (AAAS) em 1848, buscaram para proteger a ciência e se consolidar como força social e política, coordenando esforços para pressionar por recursos e reconhecimento que legitimem a ciência como atividade vital da sociedade.

Na América Latina, esse impulso teve um desenvolvimento próprio. A Associação Argentina para o Progresso da Ciência, fundada em 1934 e presidida pelo Nobel Bernardo Houssay, foi pioneira na região. Seu objetivo era apoiar o avanço da ciência, defender a liberdade de pesquisa e a busca desinteressada do conhecimento—sem desprezar suas aplicações—e confederar as sociedades científicas do país. Após a Segunda Guerra Mundial—marco de inflexão para a ciência global—surgiram associações similares em outros países: em 1948, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e a Associação Uruguaia para o Progresso da Ciência; em 1950, a Associação Venezuelana para o Avanço da Ciência (AsoVAC); e em 1970, a Associação Colombiana para o Avanço da Ciência (AvanCiencia). Esse processo de institucionalização permitiu que, em 1974, fosse criada em Recife a Associação Interciência, concebida como um espaço continental para integrar as associações nacionais das Américas e fortalecer a cooperação regional.

Historicamente, essas associações têm atuado como instituições de ponte: entre ciência e Estado, academia e

sociedade, conhecimento e democracia. Acompanharam a criação de conselhos nacionais de ciência e tecnologia, marcos regulatórios, fundos públicos de pesquisa e sistemas de formação doutoral. Também desempenharam um papel crítico junto aos governos para sustentar orçamentos, infraestruturas e cooperação internacional. Além disso, entre as décadas de 1970 e 1990, promoveram a ciência como centro dos projetos democráticos e de desenvolvimento. Essa trajetória não esteve isenta de rupturas. Crises econômicas, ditaduras, perseguições políticas, exílios forçados e cortes orçamentários desarticularam comunidades científicas emergentes e enfraqueceram instituições-chave. No entanto, essas associações persistiram. Por meio de congressos, revistas e redes de cooperação, mantiveram viva a ciência como projeto coletivo de desenvolvimento.

Hoje enfrentamos novamente um cenário crítico de polarização política, ataques à autonomia científica e estagnação de grandes programas de pesquisa que não se alinham às ideologias governamentais nem à pleonexia das grandes corporações. Em um ambiente hostil de cortes orçamentários, extrema mercantilização do conhecimento, desinformação e, em alguns casos—como o colombiano—de assédio e perseguição governamental baseados em preconceitos ideológicos e retaliações pessoais, devemos recorrer à união e à soma de forças para defender a autonomia do avanço da ciência.

As associações para o progresso da ciência não podem falhar em sua função social de promover a ciência como bem público. Temos a responsabilidade de manter a resiliência de nossa missão: proteger, fortalecer e colocar a ciência a serviço da sociedade. Nosso papel é vital na interface entre ciência, Estado e sociedade, promovendo a educação e a criação de cultura científica e representando a comunidade científica da sociedade civil organizada nas dinâmicas industriais e nas políticas públicas. Mas, sobretudo, devemos defender as bases institucionais da ciência que sustentam um modelo de desenvolvimento baseado no conhecimento, na inovação, na liberdade e na dignidade de nossos povos.

LUIS ANTONIO OROZCO
Presidente AvanCiencia
Universidad del Rosario, Colômbia